

## MARCEL, Gabriel. FRAGMENTOS FILOSÓFICOS (1909 - 1914)

[MARCEL, Gabriel. PHILOSOPHICAL FRAGMENTS (1909 - 1914)]

MARCEL, Gabriel. **Fragmentos Filosóficos (1909 - 1914)**: com acréscimo de “*As Condições Dialéticas de uma Filosofia da Intuição*”. Tradução de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. Cascavel – PR: EDUNIOESTE, 2018, 93 p.

**Ezir George Silva**  
[ezo.silva@hotmail.com](mailto:ezo.silva@hotmail.com)

*Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, onde ensina e lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Graduado em Pedagogia e Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Desde 2019 integra o quadro de professores permanentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação - CE.*

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1245](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1245)

Recebido em: 12 de novembro de 2019. Aprovado em: 30/11/2019

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 185-195 - ISSN 1984-5561  
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



**Fragmentos filosóficos (1909 - 1914) Gabriel Marcel**  
SILVA, Ezir George

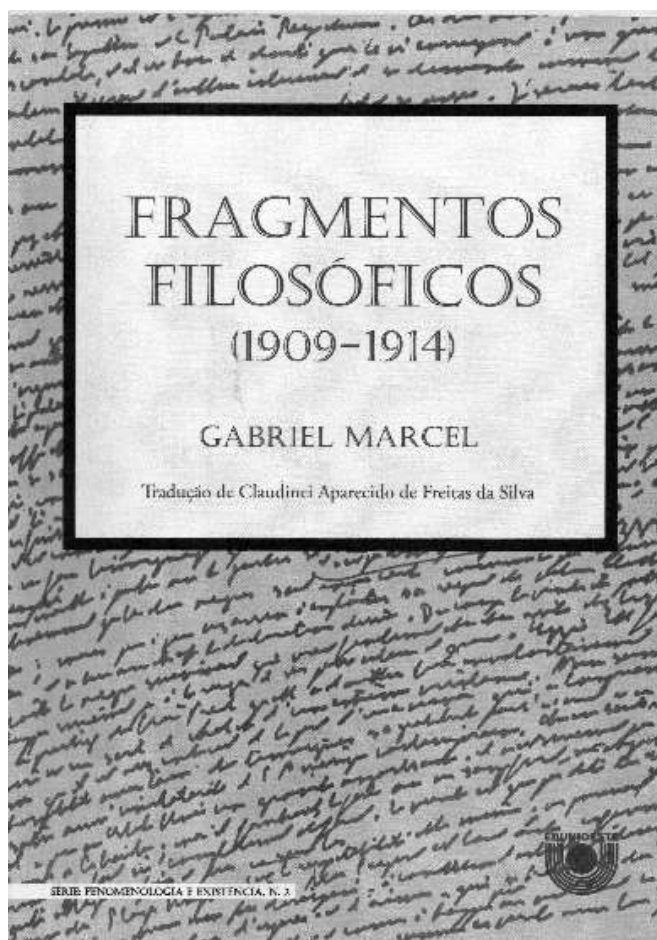
**Resumo:** O Pensamento de Gabriel Marcel situa-se nos discursos e debates sobre Filosofia, Dramaturgia e Música. Marcel foi um escritor fecundo, profundo e engajado. Ao longo de sua trajetória, produziu dezenas de obras científicas e ensaios sobre Filosofia. Entre seus estilos e produções literárias, destaca-se a dos *Fragmentos*. Nesse sentido, os *Fragmentos Filosóficos (1909 - 1914)* revive Marcel na sua juventude, aos vinte anos de idade, despontando como um pensador influente das Ciências Humanas. Os objetivos deste trabalho visam tanto colocar em relevo as questões iniciais mais profundas, que serviram para Marcel preparar o caminho a uma criação futura, como brindar a Série Fenomenologia e Existência da UNIOESTE. A pretensão é apontar subsídios fenomenológicos que consigam ajudar o leitor a desvelar o sentido de suas próprias concepções e indicar vias de pesquisas e abordagens sobre a configuração do processo de compreensão do Ser, que envolve a multidimensionalidade do homem e suas possibilidades, no contexto de uma cultura da técnica e funcionalizadora da condição humana.

**Palavras-Chave:** Fragmentos Filosóficos. Gabriel Marcel. Fenomenologia da Intuição.

**Abstract:** Gabriel Marcel's Thought lies in the discourses and debates on Philosophy, Dramaturgy and Music. Marcel was a fruitful, deep and engaged writer. Throughout his career, he has produced dozens of scientific works and essays on philosophy. Among his styles and literary productions, stands out the Fragments. In this sense, the *Philosophical Fragments (1909-1914)* revives Marcel in his youth, at the age of twenty, emerging as an influential thinker of the Human Sciences. The objectives of this paper are both to highlight the deeper initial questions that served Marcel to pave the way for a future creation, as well as to offer the UNIOESTE Phenomenology and Existence Series. The aim is to point out phenomenological subsidies that can help the reader to unveil the meaning of his own conceptions and indicate ways of research and approaches on the configuration of the process of understanding the Being, which involves the multidimensionality of man and his possibilities, in the context of a culture of the technique and functionalizer of the human condition.

**Keywords:** Philosophical Fragments. Gabriel Marcel. Phenomenology of Intuition.

**Fragmentos filosóficos (1909 - 1914) Gabriel Marcel**  
 SILVA, Ezir George



Traduzido pelo professor Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE) – vem a público, pela EDUNIOESTE, *Fragmentos Filosóficos (1909 - 1914) de Gabriel Marcel*. De caráter inédito para o público de língua portuguesa, a obra situa-se, no âmbito da Filosofia do século XX, como um dos fulcros marcantes do desenvolvimento tanto da Fenomenologia, no contexto do Pensamento Filosófico Europeu, quanto da própria Filosofia da Existência. Entre todas as formas e estilos de produções literárias de Gabriel Marcel, a dos *Fragmentos Filosóficos* é uma das mais importantes e significativas, porque trata-se de uma significação precisa que evoca os aspectos próprios da ‘Itinerância’ do pensamento, rumo à experiência humana doadora de sentido e fonte de validação de uma ‘Filosofia do Concreto’. Os textos datam de antes da Primeira Guerra Mundial de 1914 e, que, à época, não se destinavam à publicação. Movido pela exigência existencial de um Ser que se pensa a caminho, Marcel reconhece, nesta fase da juventude, a necessidade de transpor os limites que pretendiam encerrar seu pensamento, vindo a comprometer sua prática investigativa e limitar sua própria visão de mundo. Fato é que tanto a Guerra, que destruíra seu mundo imediato, quanto a libertação dos condicionamentos idealistas do pensamento, ajudaram-no a desprender-se da atmosfera espiritual rarefeita desses tempos sombrios. Nesse sentido, a obra revive Marcel como um pensador que se esforça, infatigavelmente, para romper com o ciclo de uma leitura existencial superficial e que se coloca, a partir destas notas iniciais de trabalhos, a caminho da criação de uma Filosofia da Existência portadora de sentido humano e das relações intersubjetivas.

A publicação dos “*Fragmentos Filosóficos*” visa brindar a *Série Fenomenologia e Existência*, pondo, em relevo, as questões mais profundas da condição humana, tendo, como princípio

corolário, a tese de que a existência não pode ser vista como algo que se reduz a termos ou categorias puramente intelectuais. Por se tratar de textos da sua juventude, quando Marcel contava apenas com vinte anos de idade, estes ensaios inscrevem-se como produções originárias, propedêuticas e introdutórias, que só farão sentido se forem analisados à luz do seu conjunto mais amplo e em diálogo com o escopo singular da sua obra; seus modos de intuição, expressão, explicitação e desvelamento. Desta maneira, Marcel é conhecido e reconhecido, principalmente, por sua produção filosófica; e por ela ter exercido grande influência, dentro e fora dos círculos acadêmicos, em vários lugares do mundo. Fato é que o pensamento de Gabriel Marcel inscreve-se nos discursos e debates sobre Filosofia, Dramaturgia e Música, a partir dos pressupostos da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança. Ademais, a obra revive o próprio Marcel como um pensador influente das Ciências Humanas.

Sobre “*As Condições Dialéticas de uma Filosofia da Intuição*”, destaca-se que sua primeira publicação só ocorreu cinquenta anos após sua redação original. Em sua especificidade, a tradução procurou, para fins de publicação, manter a natureza vernácula e o estilo literário característicos de Marcel, por vezes hesitante e evasivo, mas, sempre singular, peculiar comprometido, pois, com seu modo próprio e caráter heurístico de exploração. Ao escolher esta forma de redação, Marcel indica, desde o início do seu percurso, o quanto se encontra disposto a fazer do olhar filosófico um modo de investigação que não pretende desarticular o Ser humano das condições e dos âmbitos da sua própria realidade. Ademais, trata de percorrer uma certa via profunda de análise através de uma ‘*anamnesis*’, por onde se pretende evocar e explorar as dimensões do Ser, anteriormente, esquecidas. Nestes termos, cabe ao filósofo, mediante os pressupostos da reflexão metafísica, procurar restaurar o elo nupcial entre o Ser e a existência, entre o homem e sua realidade. Tomando essa perspectiva mais ampla, em Marcel, a experiência do pensamento se ancora no pressuposto de que não há sistema de conjunto teórico que seja capaz de reduzir o Ser humano às dimensões do dado e do objetivável. Mais ainda: que o homem está para além das noções do falso e do verdadeiro, do isto e/ou daquilo, porque sua condição de “*ser-em-situação*” ultrapassa qualquer tentativa de representação e classificação técnico-racional. Nessa medida, em vão, buscaremos, em Marcel, obras estritamente sistemáticas. Partindo, então, do horizonte filosófico existencial, o que os *Fragmentos Filosóficos* fornecem são subsídios fenomenológicos que pretendem desvelar o que está por traz do visível e do aparente, visando conduzir o homem à consciência de si no mundo. Nesta direção, para que o leitor tenha, em primeira mão, um breve panorama da proposta, destacamos, sumariamente, cada um dos temas arrolados.

A organização dos *Fragmentos Filosóficos* é estruturada em sete partes: ***Introdução; Estratos das Primeiras Notas e Esboços Filosóficos, 1909 a 1914 [Manuscrito IX]; Reflexões Sobre a Ideia de Saber Absoluto e Sobre a Participação do Pensamento ao Ser – 1910 - 1911 [Manuscrito XII]; Notas de 1912 - 1913 [Manuscrito XIV]; Teoria da Participação, 1913 - 1914 [Manuscrito XVIII]; Posfácio e Adendo: as condições dialéticas de uma filosofia da intuição, 1912.*** De autoria do Reverendo Lionel A. Blain, a primeira parte, ***Introdução***, aponta, preliminarmente, os pressupostos que orientaram os caminhos do pensamento de Gabriel Marcel. Ao tomar como base as primeiras produções juvenis de Marcel, tanto o Padre Roger Troisfontaines, em seu livro “*Da Existência ao Ser*”, quanto o filósofo Pierre Bagot, em sua obra “*Conhecimento e Amor: ensaios sobre a filosofia de Gabriel Marcel*”, contribuíram para trazer ao conhecimento da comunidade acadêmica francesa todos estes inéditos. Ao sentir-se instigado a caminhar rumo a uma luz pressentida, o próprio Lionel A. Blain fundamentou sua tese de doutoramento em Louvain, acerca do

'*Problema de Deus*', nos escritos iniciais do jovem Dramaturgo e Filósofo francês. Algo que, após a defesa da tese, levou alguns professores da Universidade de Louvain expressarem o desejo de que Gabriel Marcel autorizasse a publicação destes ensaios. Do ponto de vista técnico, Troisfontaines havia classificado como "*Manuscritos*" – numerados de I a XXIII –, certo número de inéditos anteriores ou contemporâneos ao *Diário Metafísico* (1927).

Retirados da primeira edição, os textos dos *Fragmentos Filosóficos* foram selecionados nesta primeira forma de organização. Os manuscritos I a XI formam o primeiro grupo e correspondem ao projeto da tese do próprio Gabriel Marcel, enquanto os manuscritos XII a XXIII formam um segundo grupo. Na atual edição, encontram-se, integralmente, os extratos do manuscrito IX e os manuscritos XII, XIV e XVIII. O manuscrito IX é composto por quatro cadernos cada: 1) um caderno laranja contendo a) um curto diário filosófico datado de junho de 1909 a maio de 1910; b) Notas sobre a teoria do conceito em Aristóteles segundo Hamelin; c) Notas sobre uma teoria do raciocínio; 2) um caderno cinza contendo a) Notas sobre uma peça de teatro; b) e notas intituladas 'Do fundamento metafísico dos juízos de valor'; 3) um caderno rosa contendo a) notas sobre Bradley; b) e outras notas filosóficas; 4) e um caderno azul contendo; a) Notas sobre a consciência e o eu; e b) Notas acerca dos postulados teóricos da sociologia religiosa. Na presente edição, destaca-se o manuscrito IX, o curto diário do caderno laranja, que foi escrito por Marcel na época em que ele ainda era estudante na Sorbonne, momento que o levou à agregação. Neste documento, Marcel procura mostrar tanto os limites do "saber absoluto", como em elaborar a crítica aos sistemas idealistas, intelectualistas e fideístas; pressupostos epistêmicos marcantes desta respectiva época. Mais especificamente, trata-se de ressaltar como seu pensamento evoluiu, no curso da sua frutífera carreira filosófica, rumo a uma experiência original e originadora de humanos sentidos.

No texto um, de vinte e dois de junho de 1909, *Extratos das Primeiras Notas e Esboços Filosóficos, 1909 a 1914 [Manuscrito IX]*, ao pensar no "eu", enquanto fulcro fundador de toda moral, Gabriel Marcel reflete acerca das barreiras que o pensamento objetivista impõe sobre os processos de formação e aprofundamento da própria consciência humana. Diante das tendências reducionistas do "eu", ele propôs uma metafísica do sentido da vida; trata-se de uma "fé" na condição humana que não se confunde com individualismo, objetivismo, particularismo ou algum outro tipo de representação categórica. Conquanto se pense que as diferenças entre o "eu" e a individualidade não possam ser resolvidas por dentro do simples contraste filosófico, reconhecemos que é na dimensão do Ser que podemos vê-los, dialeticamente, por meio do mistério, cujo sentido existencial, pretende "*reduzir tudo o que, em nós, é natureza, a ser apenas a expressão desejada e consciente desse pensamento eterno, fora do qual não há moralidade...*".

Em, "*notas de quatro de julho*", o mistério do Ser se anuncia diante do problema da transcendência divina. Para Marcel, a condição do homem é de ser-em-situação, porque é na realidade e através da intuição que o pensamento metafísico se apreende e se define *in concreto*. Nesse sentido, a concepção do "eu" abre vias de investigação acerca dos elementos constituidores da condição humana e suas próprias experiências. Nosso filósofo propõe ainda, uma interface entre o "*problema*", que condiciona a existência, e a dimensão do "*mistério*", que nos liberta para além da inautenticidade. Desta forma, não parece possível ao intelectualismo chegar a fundar a realidade transcendente, posto, que no intelectualismo, o Divino apenas existe reduzido aos níveis do conceito e da simples ideia. Sobre a implicação de que a existência de Deus se desvela na ação moral do homem, Marcel afirma estar-se longe de poder negá-la, todavia, dizer que a verdade de Deus só pode ser confirmada por meio de uma religião puramente filosófica não poderia ser verdadeira. Sendo assim, "*é preciso resignar-*

*se a admitir que Deus esteja acima da razão e que a razão não pode alcançá-lo negando-se?”* No fundo, entre aquilo que somos e acreditamos ser deve existir o lugar para a inquietação, isto é, um modo de busca e apreensão do real capaz tanto de integrar o homem ao seu próprio mundo, como de despertá-lo para as dimensões da realidade que o integra, envolve, provoca e o ultrapassa. Trata-se de uma experiência espiritual de maturidade e transcendência, onde o papel do filósofo deve ser o de nos ensinar a irrealidade fundamental acerca do que estamos habituados a considerar como simples condição da nossa natureza ou forma de viver. Entre a natureza racional e a realidade fenomênica há sempre uma lacuna que nem sempre a inteligibilidade é capaz de preencher. Na impossibilidade de deduzir o infinito há sempre o risco de subestimar o inesgotável ou reduzi-lo aos âmbitos de sua própria fragilidade.

Sobre *“as notas de seis de julho”*, Marcel continua refletindo sobre os pressupostos da necessidade do racional, por outro lado, age sempre consciente de que o caminho do cognoscível, indiscutivelmente, passa pela via da experiência e da realidade concreta. Nestes termos, a contingência se ressignifica, transmuta-se e manifesta-se como fato essencial da experiência individual de cada ser humano. Ao passar da individualidade da razão à experiência individual o “eu” se individualiza e, só se torna passível de explicitação, a partir do ponto de vista do infinito. Neste sentido, cabe-nos questionar; *“é possível apelar a uma intuição, religiosa ou outra, para explicar, do ponto de vista da razão, o que parece um enigma insolúvel?”* Mais ainda, *“nas notas de vinte e três de maio de 1910”*, Gabriel Marcel acrescenta que o diálogo entre o espírito humano e a realidade só é possível em relação a uma finalidade que a oriente. A experiência medeia a relação entre o Ser, o sentir, o pensar, o falar e o fazer, porque a experiência é o espírito mesmo exercendo sua atividade. Na clarividência de Marcel, equivale a dizer que, conforme *“as notas de vinte e oito de maio”*, *“a verdade científica não é, em nenhum sentido – tampouco no sentido mais rigorosamente crítico –, a medida do real”*. Tomando essa perspectiva mais geral, de acordo com as linhas do *Manuscrito IX*, a experiência do pensamento se ancora no pressuposto de que não há sistema de conjunto que seja capaz de reduzir o Ser às dimensões do acabado, do concluído e do objetivável. E, ademais, que todo saber dado não seria nada além de uma abstração, aliás, *“quicá, podemos pô-lo em si mesmo, sem cair em contradições análogas?”*.

No texto de número dois, *Reflexões sobre a ideia de Saber Absoluto e sobre a Participação do Pensamento no Ser. Inverno 1910 - 1911 [Manuscrito XII]*, Gabriel Marcel fala acerca da *Participação* como busca e caminho de aproximação do homem com aquilo que é ele mesmo, no mais profundo do seu Ser. Movido por um espírito fenomenológico, diante da ideia de “saber absoluto”, se pôs a refletir sobre a exigência de Ser; o chamado ontológico que pretende conduzir o homem a pensar sobre o mistério existencial que o comporta e o transcende. Ao tomar o Ser, como quadro fundamental de referência geradora de sentido, põe-nos a perguntar: *“a realidade pode ser concebida como saber absoluto, como um sistema inteligível que compreenderia, em sua unidade concreta e indivisível, todos os elementos particulares do saber?”* A tese idealista de que a realidade é portadora de um saber pronto e acabado, Marcel contrasta com as relações entre finito e infinito, objetividade e subjetividade, Ser e saber, intelectualismo e inteligibilidade, problema e mistério. Ao conceber o intelectualismo como uma lógica do finito, enquanto tal, de pronto, se consegue perceber, facilmente, que aquilo que é dito como verdadeiro do ponto de vista racional deve ser, precisamente, o mesmo do ponto de vista do “saber absoluto”.

A condição de Ser itinerante assinala, por si mesma, uma recusa do homem aos processos que pretendem sua fração, funcionalização e massificação, porque a verdade do finito não está na determinação do dado, mas, na própria condição do infinito, do indeterminado e suas imensuráveis possibilidades. Desta forma, os elementos e categorias

**Fragmentos filosóficos (1909 - 1914) Gabriel Marcel**  
SILVA, Ezir George

constituintes de um sistema de compreensão existem somente para as concepções parciais e abstratas. O critério da negação do infinito não é a realidade do finito, mas a abstração. Na afirmação de que diante de todo ponto de vista do saber sistemático se abre mão da perspectiva do horizonte, encontra-se explícito a visão de que o contrário, desta opinião, também é verdadeiro, principalmente, quando se entende que “*se a luz pode produzir a sombra, a sombra não é nada sem a luz*”. Mais ainda; que “*não há critério de um critério quando esse critério é, ele próprio, absolutamente, primeiro*”. Assim, pois, compreendido, o saber absoluto não repousa mais inteiramente sobre ele mesmo. Diante da afirmação de que o absoluto não representa um fim em si mesmo, cabe-nos questionar; será que as filosofias dos saberes absolutos não são vítimas das mesmas ilusões que os realismos ingênuos?

Ao fazer distinção entre o Ser e o Saber, a construção filosófica marceliana evita o comportamento teórico meramente pragmático e objetivável. Para além das posturas idealistas e de hipóstases, Marcel pensa pensando, questionando, indagando e explorando. Através do movimento espiral hermenêutico podemos compreender que todo saber é mais do que simples empiria ou sistematização teórica. Ao tratar acerca da díade *inteligibilidade e intelectualismo* somos conduzidos a sair do nível do pensamento pensado para o âmbito do pensamento clarividente, cuja heurística é o inverificável, porque seu ponto de partida é o próprio conceito de “*concreto*”. Noutros termos, a existência humana não pode se constituir em uma metafísica intelectualista. Rejeitar, pura e simplesmente, toda imanência do Ser à consciência, significa negar a relação do pensamento com o real. Mas, então, em que sentido se pode falar em imanência e participação? A condição do pensamento é do Ser-em-situação, o saber é da e sobre a existência humana. Em função disso, a participação aparece, pois, agora, como o limite superior da reflexão, como ato diante do qual todo pensamento deve se deter, mas, nunca se limitar. A participação que se recusa a abstração de si, é a mesma que não se dá fora da reflexão. Para Marcel, a atividade da participação não se confunde com o conhecimento imediato, porque todo dito comporta uma vivência tanto de caráter cognoscível, como de natureza ontológica, envolve não apenas o conhecimento imediato, mas também a própria participação no Ser. Trata-se de um princípio de descoberta constituidor da condição humana que o leva ao desvelamento do “*mistério*” no qual, ele próprio está envolto no mundo. Conforme nosso filósofo, na participação, tanto no processo de saída como no de entrada em uma nova realidade, somos convidados à tomada de consciência do mundo invisível. O que se alude aí é a atitude de uma mente aberta às ordens do visível, invisível e ao infravisível, a intuição de que a realidade é mais extensa e profunda que àquela que podemos perceber, definir e pensar; uma experiência de dilatação do real. Consiste ainda, em um processo de redimensionamento capaz de levar o sujeito à construção de um amplo e “*novo*” conhecimento; a via por onde o homem pode acessar uma nova experiência diante da vida e da própria condição espiritual do Ser.

Sobre as *Notas de 1912 - 1913 [Manuscrito XIV]*, texto de número três, Gabriel Marcel as divide em um tríplice momento: a) *Notas sobre o fundamento dos valores*; b) *Notas sobre o problema da imortalidade* e c) *Notas sobre o Inverificável*. Quanto ao conteúdo da primeira, “*Notas sobre o fundamento dos valores*”, a tríade Ser, existência e liberdade – aparece como o caminho pelo qual o homem poderá ascender a uma dimensão superior e/ou alcançar o fulcro mais profundo da sua própria condição existencial. Como caminho de acesso às vias mais profundas do Ser, Marcel propõe-nos a análise da relação que há entre a exigência imanente, a situação histórica do sujeito e seus respectivos modos de apreensão da própria existência humana. Neste processo, a participação aparece como uma vida concreta, no entanto, totalmente incapaz de reduzir-se aos elementos abstratos, inertes e objetivos das meras conceituações.

**Fragmentos filosóficos (1909 - 1914) Gabriel Marcel**  
SILVA, Ezir George

Ao retomar a categoria da *Participação*, na relação com a ideia de *Valor*, Marcel aduz a um quadro, onde religião e metafísica são concebidas como uma “parênese”, do qual, o sentido real é puramente especulativo. Em suma, tanto uma como a outra não passam de discursos idealistas e generalistas acerca da existência humana e sua relação com a liberdade do Ser. É contra estas perspectivas que a dialética aparece, no cenário inicial do pensamento marceliano, como movimento de um pensamento que se afasta, cada vez mais, do formal puro e apreende, cada vez melhor e de modo mais aprofundado, as próprias contradições do Ser e sua realidade concreta. Para Marcel, as questões da “*Participação e do Valor*” passam a existir e a coexistir em conexão e oposição ao individualismo. Trata-se do desafio de lançar-se para longe de si mesmo e comprometer-se existencial e coerentemente com aquilo que se é e compreende-se. O ato de viver como homem nos lança para dentro e além das nossas próprias consciências, exige, pois, uma ontologia existencial, onde o Ser só poderá encontrar-se consigo mergulhado na dimensão do mistério metafísico que é ele próprio. Mais especificamente, o ato constitutivo da participação implica a posição de uma multiplicidade de individualidades que ela cria, isto é, envolve a afirmação de que a liberdade tem o dever, consigo mesma, de pensar-se constitutivamente, a partir e para além de si mesma.

Na segunda parte, “*Notas sobre o problema da imortalidade*”, o ato constitutivo da liberdade nos remete ao problema da imortalidade. A existência permanece alojada na transcendência, pois o que se encontra exposto à destruição pela morte é a “*manifestação*” ou a “*aparência*”, mas, de modo nenhum o *Ser*. A minha morte é, apesar de tudo, a *situação-limite* decisiva, pois sendo eu que morro, minha morte reveste-se de um caráter único, não objetivo, não conhecida de um modo geral. Segundo Marcel, as únicas pessoas que morrem são aquelas que não amamos, com quem estamos em conflito, ou a quem somos indiferentes. No entanto, isto não significa dizer “*que eu só posso me pensar como imortal nos pensamentos amorosos dos outros*”, pelo contrário, significa compreender, que a transcendência afirma-se e desvela-se nas experiências existenciais da fé, do amor e da própria liberdade. O problema da imortalidade não se limita ao âmbito do religioso – onde a morte é vista em termos de um destino –; nem se reduz às teses do Realismo – para quem a noção de destino é substituída pela ideia da causalidade pura –; porque é da ordem do inverificável, “*terceira e última parte do Manuscrito XIV*” - *Notas sobre o Inverificável*. Nestes termos, a questão que se levanta é se não há, em Marcel, em sua filosofia, uma aporia insustentável e, diríamos, bem fundamentada? “*Dir-se-á que a sobrevivência pode ser a sobrevivida no pensamento, na lembrança?*” Para além dos meros aforismos e pontos de vistas lacônicos, Marcel reconhece “*que uma verdade não pode ser posta fora de uma relação com a experiência sensível*”, que a alma da verdade não se resume aos núcleos do que é meramente aparente, inteligível e conceituável. Tudo se reduz à própria noção de *inverificável* – ao problema de saber como um inverificável pode ser não fictício. Nesse caso, a liberdade é o inverificável que só pode ser intuído, mas nunca objetivado, como categoria de maximização da experiência; considerando que, a própria liberdade, em si mesma, está para o Ser como fulcro existencial de transcendência.

No quarto texto, *Teoria da Participação, 1913 - 1914 [Manuscrito XVIII]*, encontramos as proposições fundamentais acerca do que é e do que não pode ser considerado a *Participação*: a) a participação não é um fato; b) a participação não é um dado do espírito; c) ela é uma exigência do pensamento livre, exigência que se realiza ao se pôr, porque sua realização não depende de nenhuma condição exterior a ela; d) ela é uma fé, em certo sentido, é mais que um ato imanente, já que ela é o acabamento de uma dialética inteiramente orientada em direção à transcendência; e) a participação explica-se e explicita-se nos atos da fé e do amor. Enquanto ato de fé, a participação é morte e nascimento, isto é, “*o surgimento a essa vida do pensamento e a morte em relação a essa ordem do saber onde o pensamento não*



*pode se conceber como objeto, ou, coisa*”. A fé é o pensamento participante no Ser cuja manifestação não limita-se à experiência empírica, não se confunde com a sensação psicologista nem aceita o reducionismo do dogma idealista. A fé é o pressuposto individual que distingue o subjetivismo superficial do subjetivismo profundo; ela traduz a passagem da condição dependente para o caminho ao conhecimento reflexivo; o acesso à unicidade do “eu”. A fé não é nada que possa ser dado, herdado ou transmitido. Em termos concretos, Marcel nos diz que, apenas, que, no amor a fé pode ser, ao mesmo tempo, conteúdo e experiência, porque o amor não é o produto da fé, mas sua condição necessária. O amor, no entanto, é essa participação? Ou ele é apenas algo como sua introdução e seu prelúdio? As respostas a estas perguntas exigem a análise do fundamento metafísico do amor, quando, em suma, se entende: a) que não existe fundamento objetivo no amor; b) que a essencial originalidade do amor não depende do saber puro; c) que o amor não pode se fundar como ato, justificá-lo objetivamente é negá-lo pura e simplesmente; d) que o amor não é um jogo de ilusões subjetivas; e) que o amor é sempre, necessariamente, uma graça; f) que a ordem do amor está para além do mérito e do demérito; g) que o amor, por si só, postula uma relação transcendente. Conquanto a relação entre fé e amor pareça paradoxal, Marcel, indica-nos que a *Participação* só pode ser intuída no “*éthos*” de uma liberdade. Neste sentido, a participação é, essencialmente, “*o ato de uma liberdade que afirma outra liberdade e que só é liberdade por essa afirmação mesma*”, em sua indivisível, espiritual e misteriosa unidade.

Os *Manuscritos* são, na compreensão do próprio Gabriel Marcel, uma proposta-encontro, a oportunidade de reviver a si mesmo e visitar seus próprios caminhos existenciais e abordagens fenomenológicas. No “*Posfácio*”, escrito, especificamente, para a publicação destes textos iniciais, com *data de vinte e cinco de julho de 1961*, encontramos declarações sobre sua disposição pessoal acerca destes ensaios. Com isso, encontramos também o testemunho do modo como Deus veio ao seu encontro tanto na relação de amizade com Marcel Legaut, após o desastre da Guerra, como através da música espiritual de Jean-Sébastien Bach, quando lhe comunicam o sentido de uma presença espiritual, afetando-no existencialmente e evocando-no, no íntimo da sua própria alma, o sentimento da honra de ser homem. Estas perspectivas de preparação para publicação destes inéditos, anunciadas por Gabriel Marcel, encontram-se na ordem de um vórtice do pensamento, cuja forma e consistência de uma espiral, ao lançar mão de uma ideia, pretende levá-la ao nível mais profundo, até atingir o sentido do infinito.

Sobre o texto em acréscimo, “*As Condições Dialéticas de uma Filosofia da Intuição*”, em nota do tradutor, se lê que, “*tais manuscritos seriam publicados somente cinquenta anos após sua redação*”. O objetivo fundamental deste ensaio, segundo o próprio Marcel, é averiguar em quais condições uma filosofia da intuição pode se constituir e tornar-se aplicável. Seu alvo principal é admitir a distinção entre o conhecimento discursivo e a intuição. A Filosofia da Intuição reconhece à dialética um papel especial; tal filosofia indica que abrir mão da dialética, no processo de compreensão do pensamento, consiste em negar a natureza que constitui o próprio ato de pensar. Desta forma, as condições que tornam possíveis uma Filosofia da Intuição nascem da própria natureza dos seus reais desdobramentos. Em suma, os aspectos que compõem a primeira forma das condições são: a) que o espírito da dialética só é acessível pela via do próprio pensar livre; b) que o modo exato da relação entre o Ser e o pensamento nunca podem ser especificados totalmente; c) que o próprio processo pelo qual fazemos as afirmações permanece ainda indeterminado. Sobre a segunda forma das condições necessárias, acrescentam-se: a) que o pensamento discursivo não está em condições de atingir o Ser; b) que a imanência é, em geral, apreendida pela intuição; c) que a indeterminação não é um limite à Filosofia da Intuição, mas a sua possibilidade de explicitação. Ao aceitar estes

termos em um sentido da interface, cabe-nos perguntar: Qual é, em um sentido prático, sua proposição comum?

Ambas as proposições não pretendem ser definidoras do Ser, porque a ideia de Ser, em si mesma, é lógica e racionalmente anterior à toda demonstração empírica ou discursiva. Conquanto se pense que as diferenças entre a intuição e o pensar não possam ser resolvidas por meio da dialética, há de convir, que o próprio processo de aproximação já se constitui, em si mesmo, como um caminho de acesso à transcendência em relação ao Ser. Assim, pode-se afirmar, em virtude do que precede, que uma Filosofia da Intuição implica: a) um pensamento puro; e b) a possibilidade de esse pensamento puro eliminar, de si mesmo, o elemento discursivo e de se apreender, em sua pureza, como intuição e movimento de aproximação. Conforme Marcel, os atos de afirmar e negar a intuição exigem uma ressignificação da própria dialética, uma distinção entre a Dialética Negativa e a Dialética Positiva. Sobre a primeira, aduz-se que: a) em sua natureza não pretende exercer predominância sobre a ideia de Ser; b) afirma que o pensamento é impotente para converter a ideia de ser em Ser e c) supõe certa ideia de Ser e se orienta em direção a ela. Quanto à Dialética Positiva, entende-se, que em seus desdobramentos, sua própria natureza: a) se reduz à opinião mesma da ideia de Ser; b) converte-se em uma criteriologia do Ser e c) concebe a intuição como função atribuível, ou seja, como um espaço entre o Ser e a ideia de ser.

Na distinção entre a Dialética Negativa e a Dialética Positiva, surge a seguinte questão: se não há, então, critério do Ser, como o problema pode ser resolvido? A resposta à pergunta, o que é o Ser? transmuta-se na intuição de que o Ser é o inverificável. Ou seja, que a *Participação* do homem no mundo, à medida que o situa em si mesmo, como presença e encarnação, também o projeta em relação a sua própria transcendência. A reflexão marceliana em torno do mistério do Ser nos chama a atenção para a construção de uma ontologia onde o Ser não é afirmado, mas intuído, a partir de si mesmo e via a própria encarnação. Trata-se daquilo que não se reduz jamais, mas que se constitui em um “*Ethos*”, que contém mais do que ele pode reter; um excedente da presença sobre no e do infinito. Em Marcel, tanto o Ser quanto a própria Filosofia da Intuição não se limitam às ordens do conceito e da imanência. “*Em suma, o Ser é, portanto, um ato de fé, e seu conteúdo não poderia se explicitar numa dialética prática, pela qual o pensamento, ultrapassando o mundo do saber, aproximar-se-ia por procedimentos sucessivos de criação, do centro onde ele deve livremente renunciar-se para dar lugar a – Aquele que é*”.

Nenhum encontro com um Ser, experiência, coisa ou livro prescinde de um significado oculto. Em um sentido fenomenológico, tão oportuno quanto profundo, a obra *Fragmentos Filosóficos (1909 – 1914) de Gabriel Marcel*, que ora se dispõe ao público de língua portuguesa, em primeira mão, se constitui como um tesouro existencial, cuja substância espiritual pretende contribuir para desvelar a oculta vida divina, que quer ser iluminada. Sob esse prisma, o presente projeto editorial celebra não só a série *Fenomenologia e Existência da UNIOESTE*, mas dada sua prospecção filosófica, com o público das áreas de Ciências Humanas e a comunidade humana em geral. Os *Manuscritos* buscam encontrar, na existência e nas potencialidades humanas, seu principal objeto de análise, visando contribuir para a fundamentação de um pensamento filosófico voltado para o homem, em sua integral e multidimensional concretude. Trata-se de um conjunto de ensaios que provoca inúmeras reflexões. Primeiro, é possível fazermos uma análise crítica sobre a própria estrutura da obra, considerando sua natureza vernácula, sua forma de escrita digressiva, hesitante e despretensiosa de conclusões e verdades apressadas. Mais ainda, quanto às diferenças de organização, tematização e construção do pensamento, encontradas em cada texto. Segundo, tais ensaios mostram como existem algumas notas que se afirmam no conjunto da obra do

**Fragmentos filosóficos (1909 - 1914) Gabriel Marcel**

SILVA, Ezir George

próprio autor ao longo do tempo, mas, como outras sequer, aparecem ou são citadas no arcabouço mais amplo de toda sua produção ensaística, algo que denota o modo como o pensamento pode amadurecer e alcançar outros sentidos. Terceiro, destaca-se a forma livre de se pensar o pensamento. O modo como parágrafos, sentenças, perguntas, respostas e outras indicações, necessariamente, não precisam ser coesos, coerentes, consistentes e/ou até fundamentados, para serem vistos como relevantes, profundos e significativos. Trata-se de um tipo de elaboração em que as construções de alguns parágrafos nem sempre são claras e progressivas em relação à formatação das principais ideias anunciadas, suas representações e aplicabilidades. No cerne dos *“Fragmentos Filosóficos”*, o que encontramos é um chamado ontológico; uma intuição a caminhar rumo a uma luz pressentida, mais que simplesmente vista, que apesar das trevas dos tempos sombrios, chama-nos ao consolo e à esperança nos dias de hoje e aquilo que nós não somos e sabemos ainda, enquanto seres humanos. Deste modo, acrescentamos que a amplitude e a riqueza da produção acadêmica destes inéditos acenam para uma gama de temas, ideias, discussões e elaborações que poderão se mostrar promissoras dentro do cenário da sociedade atual. Os *Fragmentos Filosóficos* abrem ainda pontos de partidas para outros estudos e pesquisas via apreciações fenomenológicas sobre o Ser em situação.